

Tema esteve em debate na 1ª Conferência internacional de finanças sustentáveis e economia criativa da Amazônia

Se a Amazônia é o pulmão do mundo, o maior bioma do Brasil e tem potencial para desenvolvimento de projetos inovadores, inclusive relacionados a créditos de carbono, o que falta para que isso aconteça? A aproximação com o mercado de capitais pode ser o elemento que fecha essa equação. Esse tema permeou as discussões da **1ª Conferência internacional de finanças sustentáveis e economia criativa da Amazônia**, realizada pelo governo do estado do Amazonas, nos dias 19 e 20 de dezembro.

“Apenas financiamento público e filantropia não serão suficientes. É preciso atrair capital privado e é aí que o mercado de capitais ganha relevância e se destaca”, explica **Nathalie Vidual**, gerente de Supervisão de Securitização e de Agronegócio da **CVM**. Entre os benefícios de acessar o mercado em relação ao financiamento bancário tradicional, ela cita a desintermediação financeira, o custo reduzido, a possibilidade de créditos a longo prazo e a desburocratização. “Precisamos criar um mecanismo ultrassofisticado de alocação para estimular que as pessoas façam correto. E isso a gente faz com financiamento”, analisa **Paulo Cesário**, presidente da **Abrasca**.

O mercado de capitais brasileiro é ativo e dinâmico, o que não é realidade em diversos países do mundo, aponta **Marcelo Billi**, nosso superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação. “Temos uma ferramenta interna que podemos usar para canalizar recursos para projetos que vão promover o desenvolvimento sustentável da Amazônia, do Brasil ou até da América Latina”, aponta.



Conferência discutiu os caminhos para o mercado de capitais e a Amazônia (Foto: Roberto Carlos e Tácio Melo/Secom, e Divulgação/Cada)

Para estimular os investimentos sustentáveis dentro dessa estrutura, são necessários diversos avanços. “Os investidores precisam tomar decisões bem-informadas e bem refletidas. A construção da ponte entre o mercado de capitais e as finanças sustentáveis envolve três pilares: conhecimento, monitoramento e busca por resultado”, avalia Nathalie, a gerente da CVM.

Um dos desafios atuais é a taxonomia, ou seja, dar nomes para os ativos verdes que todos concordem e usem. Ainda não existe um consenso no mercado local, tampouco no global sobre isso. A padronização aparece logo na sequência. “Um título verde tem que ter segurança, características bem definidas, padronização para poder ser comparado a outros ativos, indicadores e benchmarks para acompanhamento. Também temos que ter preço, o que não é trivial”, explica Billi.

É necessário, ainda, que as pessoas conheçam e compreendam como funcionam as finanças sustentáveis. Isso demanda ações para educar tanto os profissionais que vendem os produtos, certificando-os e levando para esses agentes um conhecimento que é bastante novo, assim como os investidores, para que entendam o que são esses produtos e possam se interessar por eles.

Além da técnica

O mercado **ESG não** é apenas uma questão de números, regras e documentos. É preciso ir além e conhecer as pessoas, o ecossistema do qual ele trata. “No mercado financeiro, a gente tem esse viés de enxergar tudo sobre uma visão técnica. Nessa agenda não vai funcionar. Temos que bater perna, entender o que funciona para a realidade local”, aponta Billi.

Até porque ele envolve sair do eixo São Paulo/Rio de Janeiro. “A Amazônia é 60% do Brasil, precisamos entender essa dimensão. Sempre falamos de Sul e Sudeste. Começamos recentemente a avançar para o Centro-Oeste com o agrobusiness. Agora, a nova fronteira é a Amazônia, mas para isso temos que vestir as sandálias da humildade e aprender muito sobre ela”, comenta **Eduardo Werneck**, presidente do conselho da [Apimec Brasil](#).

“Às vezes é o ribeirinho que terá que ser ouvido. Nós temos a técnica, mas, se não tivermos sensibilidade, as coisas não vão avançar”, afirma **Flávio Cordeiro Antony Filho**, secretário de Estado da Casa Civil do Amazonas, que moderou o bate-papo do dia 20 de dezembro.

Ações da ANBIMA

Foram apresentadas as nossas ações para estimular o mercado sustentável, começando o trabalho com o buy side, ou seja, atuando no lado de quem compra os títulos – como os fundos de investimento, cuja indústria soma mais de R\$ 7,4 trilhões de patrimônio líquido. “Entendemos como os gestores analisavam se um fundo era sustentável ou não a partir de muita pesquisa e conversa ao longo dos últimos cinco anos para então lançarmos uma classificação de fundos sustentáveis”, conta Billi. “A identificação ajuda a dar segurança para quem quer comprar os investimentos”.

[+ Conheça a classificação de fundos sustentáveis](#)

Do lado do sell side, ou de quem vende os títulos, foi elaborado um [guia educativo sobre como classificar títulos ESG](#). O material não faz parte da autorregulação e auxilia as instituições na emissão e na oferta de ativos de renda fixa relacionados a finanças sustentáveis.

Atuação dos reguladores

A relevância do mercado de capitais na agenda ESG também foi tratada por **João Pedro Nascimento**, presidente da CVM, na cerimônia de abertura da conferência, no dia 19. “Temos uma visão organizada de que a economia e o meio ambiente são compatíveis e complementares. Cada vez mais vamos ver uma interdisciplinaridade e uma transversalidade entre as pautas econômica, de preservação ambiental e de controle climático”, disse.



João Pedro Nascimento, presidente da CVM, participou da abertura da Conferência internacional de finanças sustentáveis e economia criativa da Amazônia (Foto: Roberto Carlos e Tácio Melo/Secom, e Divulgação/Cada)

Ele contou que a autarquia começou a tratar a pauta das finanças sustentáveis como prioridade. “O mercado de capitais é uma ferramenta poderosa para dar cumprimento a políticas públicas importantes para promover o desenvolvimento econômico e social. Quando a CVM faz isso, ela ajuda todas as pautas organizacionais a ganharem tração, como é o esforço que fazemos aqui hoje no Amazonas”, afirmou o presidente da autarquia.

Fonte: [Anbima](#), em 23.12.2022.